



Fachada oeste. Portal



Capitéis do portal oeste

fitomórfico, com exceção do capitel correspondente à arquivolta perlada, que nos oferece uma imagem de duas aves a beber de uma taça. Esta imagem escultórica poderá indicar uma influência galega, sendo algo relativamente comum de encontrar nos templos tudenses. O capitel mais interior, do lado direito, com folhas de carvalho semienroladas e esferas nas pontas, repete o modelo encontrado no capitel do portal lateral sul da igreja de São João da Ribeira, indicando uma certa coerência decorativa do românico tardio nesta região. De referir ainda, a semelhança da disposição arquitetónica e escultória deste portal da igreja matriz de Ponte de Lima com o portal ocidental da igreja do Mosteiro de São Pedro de Cete (Paredes), atestando a ideia da perduração no tempo do modo românico, em particular na passagem do século XIII para o XIV.

O interior do espaço, devido às sucessivas reformas já referidas, é desprovido de qualquer vestígio visível da

fábrica românica. A igreja matriz de Ponte de Lima, em muito bom estado de conservação, está afeta ao culto, é propriedade da Igreja Católica e é, desde 2013, Monumento de Interesse Público.

Texto: JL/SVS - Fotos: SVS

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.B. *et alii*, 2007, pp. 277-278, 354; ANDRADE, A.A., 1990, p. 59, nt. 67; BOISSELLIER, S., 2012, p. 142; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 151-152; CEPB, 1935-60, XXII, pp. 439-448; LMUMADONA, doc. n.º 45 (de 1059) e doc. n.º VIII (de 1059), MEM. PAROQ. 1758 (2005), p. 360; PATRIMÓNIO CULTURAL; PMH, INQ., p. 342 (de 1258); REIS, A.M., 2000, pp. 57, 71 e 80; SIPA.

Ponte de Ponte de Lima

A PONTE EDIFICADA SOBRE O RIO LIMA, que deu origem ao nome da localidade que ainda hoje serve, situa-se no distrito de Viana do Castelo, entre as freguesias de Arca e a vila de Ponte de Lima. Localiza-se

a cerca de 30 km a nordeste da sede de distrito, sendo acessível a partir desta pela A27 até Arcozelo e, aqui, pela N201. Construída em alvenaria de granito, a ponte sobre o Lima apresenta um traçado retilíneo, com tabuleiro



Ponte de Ponte de Lima. Vista aérea (Google Maps. Imagens ©2023 CNES / Airbus, IGP/DGRF, Maxar Technologies, Dados do mapa ©2023)

sustentado por quatorze pegões intercalados por quinze arcos visíveis, mas que não correspondem à totalidade da estrutura, de 277 m de comprimento e cujas fundações estão em parte ocultas quer pelo assoreamento do rio, quer devido a alterações urbanísticas. De facto, na margem direita encontram-se mais sete arcos implantados em terra seca, no troço compreendido entre o largo da Alegria (antigo largo Alexandre Herculano) e a igreja de Santo António e, na margem oposta, há registo de outro arco entaipado pelas obras do largo de Camões. Nos pegões, entre os arcos, abrem-se, ainda, 13 olhais.

Em 1921 apontavam-se-lhe de 30 arcos, "16 arcos grandes, dois dos quais de volta plena e os restantes em ogivas, e de 14 arcos pequenos" e, em 1965, Raúl Proença contabilizou vinte e quatro arcos, dezasseis em ogiva, "assentes em curiosos talhamares de granito, semelhantes a pequenas e pontiagudas barcas" observando, ainda, que da velha ponte romana existia um lanço na margem direita "recentemente submetida a obras de reparação". Estas observações, ainda que divergentes, mostram o interesse dos intelectuais do século XX por esta monumental

estrutura. De facto, embora as pontes medievais constituíssem um dos tópicos na literatura e na historiografia do Estado Novo (no seu duplo sentido de obra de antiguidade e progresso), na ponte sobre o Lima conjugam-se a dimensão da travessia com a sua importância no longo tempo histórico e, para a qual, convergiram, portanto, os interesses de vários académicos e amadores, locais e nacionais. Foram os casos de Manuel Gomes Lima Bezerra, Félix Alves Pereira, Alberto de Sousa Machado, Conde d'Aurora, José Rosa de Araújo, António Matos Reis, Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Amélia Aguiar de Andrade. Ora observando-a como "objeto", ora enquadrando-a nos contextos históricos regional e nacional, os autores citados nunca deixaram de salientar a ponte sobre o Lima como uma extraordinária obra, ainda que frequentemente isolando-a nos estudos pontísticos portugueses, para apontar-lhe aspetos mais pitorescos e menos observações críticas.

Entre os primeiros historiadores da ponte, devemos salientar os nomes de Félix Alves Pereira, Sousa Machado e José Rosa de Araújo, que lhe dirigiram um olhar



*Perspetiva dos talhamares
desde a margem direita*



Perspetiva da ponte a jusante

científico, aplicando metodologias de observação, medição e comparação. Os dois primeiros destacando o que da romanidade chegara aos seus dias e o terceiro fazendo uma notável síntese e interpretação da história da travessia com os dados até aí levantados pela iconografia, pela memorialística e pela historiografia local.

Quer Félix Alves Pereira, quer Sousa Machado, focam-se no que chamam “troço romano”, mas ambos chamando a atenção das profundas intervenções posteriores que a estrutura sofreu, assinalando apenas cinco arcos do tempo da romanidade e excluindo dois arcos de pequenas dimensões que quase em frente à igreja de Santo António



Silhares siglados nas aduelas de arco na margem esquerda

evidenciam, pelos silhares siglados, trabalho medieval. Este troço foi profundamente intervencionado em 1960, como se documenta pelas fotografias publicadas no artigo de Sousa Machado, ocorrendo desmontagem e remontagem dos arcos e respetivo aparelho nas faces do troço – o que permitiu ao autor observar as diferenças construtivas, nomeadamente ao nível do extradorso regular romano por oposição à irregularidade das aduelas na composição dos arcos medievais.

Rocha de Araújo classificou-a como de traçado gótico e comparou-a à ponte medieval de Zamora, estrutura com extensão e morfologia similar à travessia do Lima, nomeadamente quanto às duas torres erguidas nos extremos. Notou, ainda, a inscrição outrora existente na Torre Velha da muralha da vila, cuja data nela assinalada poderia indicar a construção ou reconstrução da ponte.

Esta inscrição, que havia sido identificada por João Pedro Ribeiro, nas suas *Dissertações Chronológicas e Críticas*

suscitou inúmeras interpretações, a maioria incorretas e que haveriam de associar a ponte ao reinado de D. Pedro I. Foi Mário Barroca que, fazendo a genealogia da leitura e interpretações da epígrafe, a fixou como registo memorativo da edificação da cerca da vila, obras que se desenrolaram entre 1359 e 1370, sem contudo incluir nesta empresa a construção, ou reconstrução da ponte.

Pode admitir-se, contudo, que face a um tal investimento para amuralhar a cidade, se não esquecesse o seu principal acesso, a ponte e as suas torres (meios de controlo portageiro), compreendendo-se, assim, a forma alguns dos seus arcos, construídos no tempo do gótico (século XIV).

Sem documentação ou arqueologia que o corrobore é hoje apenas possível propor: a) o aproveitamento da estrutura romana durante a alta idade média; b) uma reconstrução parcial ou quase total anterior ao século XIV (de que são testemunhos os dois arcos de volta perfeita junto à igreja de Santo António); c) uma reconstrução integral da travessia segundo uma “linguagem gótica”.

O recente trabalho de Carlos A. Brochado de Almeida sintetiza estas propostas, indicando à ponte sobre o Lima 25 arcos, “sendo 17 de fábrica gótica – 3 estão enterrados no Largo de Camões –, 5 de ascendência romana e 2 de uma posterior reconstrução”. Segundo este autor, cuja análise se centra na ponte romana, o assoreamento do rio explicaria a deslocação do leito para sul, junto da atual vila, e o soterramento dos arcos da ponte primitiva.

Este texto levanta várias questões interessantes, nomeadamente a hipótese de que a ponte romana fosse de menor extensão levantada sobre o ribeiro de Labruja, que aqui desagua e não sobre o rio Lima que poderia ser atravessado utilizando-se passagens temporárias (de madeira) ou barcas. A inexistência de vestígios (observáveis) de aproveitamento de cantarias romanas dá força a esta teoria, mas o autor acaba por aceitar a ideia de uma ponte pétrea aqui edificada por volta de 12-11 a.C. no contexto do avanço da romanização a partir de *Bracara Augusta*. De resto, algumas destas ideias já haviam sido levantadas na obra de Manuel Gomes Bezerra, em 1785.

Em todo o caso, a ponte sobre o Lima constitui um dos principais exemplos de travessia cujo fim principal foi o do controlo territorial, quer no tempo da romanização, quer na idade média. De facto, a sua localização e extensão implicam pensar sobre as razões que levaram à edificação e à manutenção de uma estrutura destas dimensões. A sua existência e persistência explicam-se por ser o único ponto de passagem fixo no curso médio e inferior do rio Lima, curso de água que no atual território português demonstra características geomorfológicas muito próprias



Guardas e merlões junto ao arranque da ponte na margem esquerda

com vales largos em planície, de correntes suaves, mas sujeitos a cheias de grande vazão. Ao contrário do rio Ave, a sul, de vales mais encaixados, o atravessamento do Lima obrigou que, até à época moderna e contemporaneidade apenas houvesse pontos de passagem a pé ou vau ou barcos (veja-se o caso de Ponte da Barca), não comportando travessias permanentes, que exigiram grandes e complexas construções.

Para esta ponte convergia o trânsito de gentes que de sul para norte ou no sentido contrário, procuravam um local de passagem seguro, mas também por isso vigiado e controlado pelos poderes locais e nacional, como comprovam as ingerências do poder régio na administração desta vila, nomeadamente quer através da fundação de uma feira em 1125, como destacou Virgínia Rau, quer pelas referidas obras na cerca e ponte, de que se destacam as campanhas construtivas de D. Pedro I e D. Manuel I – estas respeitantes às guardas, merlões e pavimento da ponte, datadas por

inscrição de 1506. Deve realçar-se, também, a existência, nesta vila, de instituições assistenciais para defesa dos perigos de caminhar, como as Confrarias de São João e Roca-mador, referidas por Maria José Ferro Tavares. Não admira por isso, que ainda durante a idade média e já na modernidade, tantos viajantes documentados pela sua escrita tenham passado em Ponte de Lima, para onde convergiam os caminhos do Minho.

A ponte de Ponte de Lima constitui, por isso, um dos elementos simbólicos mais presentes, quer no imaginário, quer na iconografia representativa da região – não apenas pela sua monumentalidade, mas pela sua antiguidade e importância no desenvolvimento histórico regional.

Foi classificada como MN - Monumento Nacional por Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23 junho de 1910.

Texto: NR - Fotos: NR



*Troço romano em terra seca
na margem direita (o arco
em primeiro plano é já de
uma campanha medieval)*



*Perspetiva da ponte a
montante*

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.B., 2008, p. 61; ANDRADE, A.A., 1990; ARAÚJO, J.R., 1962, pp. 87-96; BARROCA, M.J., 2000a, pp. 1729-1736; BEZERRA, M.G.L.,

1785-91, I; PEREIRA, F.A., 1928, pp. 148-156, 178-185 e 249-251; PROENÇA, R., 1965, pp. 1018-1019; RAU, V., 1943 (1982), pp. 63-64; REIS, A. M., 2000, p. 81; RIBEIRO, J.P., 1836; S.A., 1921, p. 509; TAVARES, M.J.P.F., 1989, pp. 109-110.